

Guy Brett por Jac Leirner^I

Jac Leirner

^I Escrito como base para a participação da artista no seminário online organizado pelo Instituto de Arte Contemporânea “Guy Brett: nosso amigo inglês”, em 18/03/2021. Ligeiramente revisado e reformatado para esta publicação.

Seu olhar era incansável e intenso, e uma vez aceso ele emudecia sob o reflexo da arte. É certo que ficamos pasmos diante do que nos move e o olhar é nosso crivo inicial. Mas temos, em nossa maioria, olhares direcionados. Guy não tinha em seu projeto lapidar qualquer especialização; ele atravessou gerações, todas pelas quais passou sem se ater a cortes específicos nesse conjunto de histórias passadas e presentes. A história da arte que nos é tão cara, não era suficiente para a sua curiosidade que atravessava fronteiras, afunilando onde caísse, encontros com velhos ou novos mundos.

Entre nós, ele foi o menos tendencioso e também abriu mão de todos os luxos que esbarraram em sua trajetória. Sua dignidade era superlativa. Era emocionado e emocionante, profundamente correto e dedicado.

Às vezes penso que aos olhos do Guy éramos personagens tão ricos quanto o Prufrock de Eliot que ele menciona em um de seus textos. O olhar do Guy engendrava o que estivesse a seu alcance. Era generoso, permissivo e suas palavras eram claramente o reflexo das causas e possíveis efeitos do que lhe era caro e complexo. Ele nos explicou coisas e palavras, palavras e coisas com sentidos múltiplos, palavras-valise, palavras e coisas sem sentido. Era um ímã para o nonsense e trabalhava se adaptando aos sentidos; entre eles o de entender as poéticas que visitava para então explicá-las, sempre com clareza e simplicidade didáticas. Cada parte em seus mínimos detalhes. Tamanho, cor, peso, medidas, os nomes de nossos trabalhos. Finalmente concluía que tudo isso vinha de um lugar único, misterioso e aberto ao livre acesso que afinal é a razão de ser da arte. Ser livre em sua forma e conteúdo, e dar livre acesso a quem se apresenta.

Em 67, Guy tinha 23, 24 anos. Imaginem um garoto de extrema beleza, profundamente culto e educado, curioso, inteligente, apaixonado mesmo. Imaginem essa pessoa encontrando o artista, o homem sem idade, o monstro Hélio Oiticica? Imagino o Guy desfalecendo e ressuscitando vidrado, diante daquele poder poético, político, estético. E assim como o Hélio estava experimentando, adentrando lugares 'proibidos', Guy adentrou o Hélio, a Lygia, o Sérgio e nós aqui. Guy ia adentrando e adentrando até encontrar o fundo das situações para então reelaborá-las.

Esse movimento acredito, era recorrente a cada encontro com o que se apresentava. Guy, além de ir fundo, planificava a situação até o limite, fosse ela plástica ou política, mas preferencialmente mantinha as duas situações juntinhas e inseparáveis. Assim ele desempenhava, sorvendo e digerindo

todas as quantidades de *coisas imagens* e referências colocadas em seu horizonte por nós artistas, enquanto seu semblante acendia introspecto sem sacralizar, requentar ou roubar da condição existencial do trabalho de arte. Gostava de não entender e de migrar entre linguagens.

A penúltima vez que vi o Guy foi na abertura de minha exposição *Junkie*, em Mason's Yard, no coração de Londres. Ele nunca faltou. Foi emocionante ouvir o Guy perguntar do alto de seu conhecimento a simples questão: mas como você pensou isso? E seguiu: Não consigo entender de onde vêm as equações que você determina.

Guy não usou nossos trabalhos no sentido de ilustrar a idéia que fosse, no âmbito que fosse, da arte de ponta, do folclore, da política, da antropologia, da economia. Tudo isso lhe era fundamental, natural mesmo, mas nada tomou o lugar daquilo a que viera, o lugar da arte pura e simples, inundada dessas questões mundanas e complexas. Científicas em último grau mas também orgânicas e determinantes em seu movimento global. Guy caminhou na direção dessas origens, sem mistificar ou estabelecer hierarquias e sem perder de vista as linguagens circundantes. Ao nos apresentar, Guy marcou sua posição radical de quem está fora do cenário e dentro da linguagem, ainda que, ao contrário de nós aqui, a estabilidade do Guy era absoluta em todas as instâncias. Em sua ilha, as instituições todas, públicas ou não, viabilizam mercados possíveis em âmbitos diversos como o editorial e o expográfico. Por sua estrela e conhecimento sedimentados Guy era sim oficial e incansável ao mostrar poéticas destituídas de qualquer oficialidade. Fosse a arte de um artista muito jovem, como foi o meu caso, ou produções daqueles desprovidos da consciência de que seus feitos poderiam caber em circuitos dedicados como por exemplo à *naïveté* ou ao que chamamos de arte bruta. Guy garimpou resultados plásticos catalisados por situações violentas cometidas no rumo da história. De vítimas de políticas sanguinárias àqueles que sofreram a destruição atravessados por guerras e costumes, Guy apontou sementes que vieram a ser algo e que resultaram dessas situações oriundas da condição daqueles que precisam fazer algo concreto, palpável e lindo, a partir de experiências coletivas e individuais super específicas.

Guy nasceu aristocrata sem sê-lo, era impermeável a essa condição, mas era um lorde, um príncipe no sentido que usamos por aqui para definir pessoas educadas, delicadas e generosas. Ele foi um provedor para todos nós.

Guy defendeu os pobres e os oprimidos, nos incluo aqui e a todos os outros colegas de ofício, vindos de culturas que não são ou eram parte de estab-

lishments da arte produzida pela velha E

uropa... Apesar de ser essa a nossa escola... Victor Grippo, Doris Salcedo, David Medalla Mona Hatoum, nós aqui. Apesar disso, na contra mão de modismos, Guy não compactuou com classificações e temas que, ao serem estipulados, acabaram por achatar e definir discursos de etnias e grupos fechados e circunscritos em sua condição de minoria.

Guy não cedeu aos nossos sonhos e vontades de pureza plástica e conceitual ao confrontar trabalhos cujas poéticas pareciam anular umas às outras. Colocou nossas poéticas em choque sem que houvesse espaço para o gosto ou para tendências pessoais no sentido de estabelecer embates com os resultados formais esperados. Guy precisava de transgressores com origens únicas. E não tentou fazer sentido, gostava e abusava dos paradoxos.

Quanto a nós, ao traçarmos uma linha dos desdobramentos que se deram na história, estamos distantes uns dos outros. Nossas visões muitas vezes não se esbarram. Mas foi daqui de nossas terras que os neoconcretos pegaram o Guy a partir de afirmações, plásticas ou não, que subvertem a forma com bagagens expressas por um mundo real, mais orgânico e ameaçador, situação essa que entra em conflito com afirmações fechadas, com o que é puro e resolvido em oposição a articulações que descontrolam a partir da vida lá de fora, na quadra da Mangueira, na fonte pública de espuma, nas travessias e traumas de migrantes e reféns da história. Afinal, são esses entornos que abrigam nossa condição de artistas que somos tentando dar conta daquilo a que viemos.

E então Guy atravessou todas as gerações que seus quase 80 anos lhe permitiram e fez o caminho inverso do que traçou. Não levou temas globais em consideração ao experimentar nossas poéticas. Guy nos abraçou e aprendeu tudo nos dando de volta alguma estabilidade não suicida na contramão dessa nossa realidade que só faz desmoronar.

Sua erudição em amplo espectro foi também seu fundamento. Guy não afunilou sua visão e decisão de entender diferentes formas de arte que brotam em nossa civilização. Determinou e incluiu essas outras artes em lugares aos quais elas não pertencem. Mas transgrediu ao fazê-lo, mantendo equivalentes todas essas discrepâncias. Sem preconceito, independente de lógicas estabelecidas e altamente enraizadas nos discursos usuais. Guy só fazia ampliar o seu legado ao retornar com crédito e ênfase aos nossos

lugares e contribuições.

A última exposição que Guy desenhou e pode concluir soberana, foi a do artista Takis nas galerias da Tate Modern. Observei e senti que ali estava o fruto da sua imensa ambição, a de entregar ao mundo o que é belo, complexo, abrangente, e justo, tudo junto. Depois de ver essa exposição, pudemos mais uma vez nos despedir. Estavam Guy, as adoradas Alejandra e Luciana e eu, em um encontro que alçou o auge do indizível.

Só tenho a agradecer.

São Paulo 18 de março de 2021

Artigo recebido em 02 de outubro de 2021 e aceito em 19 de novembro de 2021.